

Julho de 1914

NOVAS PERCEPÇÕES ALEMÃS

Na Alemanha, os dias 26 e 27 de Julho ficaram marcados pelo regresso a Berlim da maior parte dos chefes militares que se encontravam de férias, incluindo Moltke e Tirpitz. Guilherme II, contrariando as sugestões do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que entendia poder ser alarmista o súbito regresso do monarca, também interrompeu o seu cruzeiro nórdico e, a 27, já se encontrava em Potsdam. Toda a orientação seguida por Bethmann-Hollweg¹ no sentido de não sugerir o regresso antecipado do kaiser e dos chefes militares era resultado do seu desejo de que o conflito entre a Áustria e a Sérvia se mantivesse localizado. Para que a sinceridade da Alemanha não fosse contestada, era excelente manter o cenário de tranquilidade para o qual concorriam as ausências do soberano e dos chefes militares.

Regressado Moltke, encontrou-se, logo a 26, com Bethmann-Hollweg. Concordou que devia prevalecer uma atitude ponderada, mas teve o “cuidado” de enviar para o Ministério dos Negócios Estrangeiros um projecto de ultimato a apresentar à Bélgica, em caso de guerra.² Guilherme II, por sua vez, regressara bastante irritado, considerando que o chanceler o tinha mantido insuficientemente informado, ao mesmo tempo que consentira a Berchtold³ um excessivo uso do “cheque em branco” passado a 5 de Julho. Pela mente do kaiser e dos chefes militares terá passado a sensação de que um certo desleixo diplomático os deixara atrasados em matéria de preparativos militares.



Leopold von Berchtold



Lichnowsky

Ainda a 26 de Julho, Lichnowsky relatava de Londres, para Bethmann-Hollweg, a convicção de que o governo britânico já deixara de acreditar na possibilidade de um conflito localizado e sugerindo que o mesmo fosse feito em Berlim. Não sabia, ainda, o embaixador alemão que, nesse mesmo dia, o primeiro-lorde do almirantado, Winston Churchill, com a concordância de Grey⁴, havia ordenado à *Royal Navy*, que terminara justamente um período de exercícios, para se manter concentrada. Mas deve ter tido conhecimento dessa medida logo no dia seguinte, porque a notícia apareceu publicada nos jornais britânicos de 27 de Julho. Era, evidentemente, um sinal de que a Grã-Bretanha estava atenta à situação de contornos ameaçadores

¹ Chanceler alemão.

² FAY, Sidney, *The Origins Of The World War*, Vol. II, p. 405.

³ Ministro dos Negócios Estrangeiros do Império Austro-Húngaro.

⁴ Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico.

que se estava a gerar e talvez não desejasse adoptar o estatuto de neutralidade. É interessante sublinhar que, estando a esmagadora maioria do potencial bélico britânico concentrado na sua marinha de guerra, a concentração da esquadra quase equivalia a uma mobilização geral. Assim sendo, na prática, e mesmo tendo em consideração que a força naval britânica não contava no plano das operações terrestres, não deixava de ser verdade que passava a ser o país com o grau de prontidão mais adiantado.

Entretanto, se é certo que a perspectiva da Itália se não comprometer no caso de um conflito local não era, para a Alemanha, motivo de grande preocupação, o mesmo não aconteceria na eventualidade de uma guerra europeia. Ciente das desvantagens decorrentes de uma neutralidade italiana numa guerra europeia, a diplomacia alemã esforçou-se por convencer o governo de Viena de que era imprescindível manter a Itália ligada à Tripla Aliança. Nesse sentido, em 27 de Julho, Jagow⁵ telegrafou para o embaixador alemão em Viena:

«Sua Majestade o Imperador considera indispensável que a Áustria chegue a um entendimento com a Itália no que se refere ao artigo 7.º e à questão das compensações. Sua Majestade encarrega-me de comunicar as suas instruções para Sua Excelência, e pede que as dê a conhecer ao conde Berchtold.»⁶

Em Londres, na reunião do Conselho de Ministros desse dia 27 de Julho, mesmo antes de ter conhecimento da recusa da Alemanha à sua proposta de realização de uma conferência das quatro potências sem interesse directo na disputa austro-sérvia, Grey levantou pela primeira vez, ainda que de forma hipotética, a questão da entrada da Grã-Bretanha na guerra, no caso de um ataque alemão à França. Embora fosse imediatamente evidente que um grande número de ministros se opunha a essa eventualidade, o Conselho de Ministros aprovou a medida tomada relativamente à não-dispersão da esquadra.⁷

É por esta altura que se verifica, também, na imprensa britânica, uma mudança sensível na abordagem da crise. Enquanto, após o atentado de Sarajevo, o tom dos artigos de opinião era de simpatia para com a Áustria-Hungria, agora – após o ultimato, o corte de relações diplomáticas com a Sérvia e o iminente desencadeamento das hostilidades –, invertera-se a tendência dominante.

Reflectindo esse sentimento no plano político, o embaixador alemão em Londres, em novo telegrama expedido a 27 de Julho, dava conta da insatisfação de Grey para com a Alemanha, por a Áustria não ter aceitado a resposta de Belgrado ao ultimato: «A Sérvia aceitou as exigências austríacas numa extensão que não julgávamos possível.» Se a Áustria rejeitar essa resposta como fundamento para negociações ou ocupar Belgrado, «a Rússia poderá não encarar essa acção com equanimidade, e interpretá-la como um desafio directo. O resultado seria a guerra mais terrível jamais vista na Europa, ninguém podendo dizer a que consequências levará.» Por conseguinte, a Grã-Bretanha pediu à Alemanha para usar a sua influência no sentido de levar a Áustria a aceitar a resposta da Sérvia como satisfatória ou como ponto de partida para negociações. [Grey] estava convencido de que estava nas mãos da Alemanha tratar do assunto através de adequadas representações. Lichnowsky acrescentou, depois, uma sua impressão pessoal acerca de Edward Grey:

«Pela primeira vez, encontrei o ministro irritado; falou num tom de grande seriedade e pareceu-me esperar, em absoluto, que consigamos, com sucesso, fazer uso da nossa influência para resolver este assunto [...] Fiquei convencido de que, se no fim de tudo a guerra chegar, não poderemos continuar a contar com a simpatia ou o apoio britânicos, porque todas as provas de culpabilidade serão atribuídas ao comportamento da Áustria.»⁸

Bethmann-Hollweg não demorou a perceber que o aviso vindo de Londres impunha ser levado na devida conta. Por tal motivo, telegrafou no mesmo dia 27, pelas 23 horas e 50 minutos,

⁵ Ministro dos Negócios Estrangeiros alemão.

⁶ POINCARÉ, Raymond, *The origins of war*, p. 219.

⁷ JOLL, James, *The origins of the first world war*, p. 18.

⁸ FAY, Sidney, *Idem*, Vol. II, p. 410.

para o embaixador alemão em Viena, Tschirschky, o texto de Lichnowsky, e acrescentou este significativo esclarecimento:

«Uma vez que já recusámos uma proposta inglesa para uma conferência, torna-se impossível, para nós, também rejeitar *a limine* esta sugestão inglesa. Recusando todas as propostas de mediação, seremos por todo o mundo considerados responsáveis pela conflagração e apontados como os instigadores originais da guerra. Este aspecto também tornaria a nossa posição impossível perante o nosso país, onde temos de parecer que fomos forçados a ir para a guerra. A nossa situação é a mais difícil de todas, porquanto a Sérvia, aparentemente, cedeu [às exigências] em alto grau. Por conseguinte, não podemos recusar o papel de mediadores e devemos submeter a proposta inglesa à consideração do governo de Viena, especialmente tendo em atenção que Londres e Paris continuam a fazer sentir a sua influência em São Petersburgo. Peço a opinião do conde Berchtold sobre a sugestão inglesa, assim como a referente ao desejo de Sazonov⁹ negociar directamente com Viena.»¹⁰

Devido à hora tardia desta comunicação, quando Tschirschky a transmitiu a Berchtold este respondeu que «agora, abertas as hostilidades da parte da Sérvia e a consequente declaração de guerra [por parte da Áustria], a iniciativa da Inglaterra chega demasiado tarde».¹¹ Deste modo, a Áustria apresentava a guerra, ao seu aliado e a toda a Europa, como um facto consumado, anulando quaisquer hipóteses de intervenção externa. A alusão ao rompimento das hostilidades por parte da Sérvia – segundo a qual o Exército Sérvio teria aberto fogo contra tropas austríacas, em Temes-Kubin, no Danúbio – seria parte da argumentação destinada a convencer Francisco José a assinar a declaração de guerra.

Pressionado por Berchtold e por Hötendorf¹², Francisco José assinou, na manhã de terça-feira, dia 28 de Julho, a declaração de guerra à Sérvia, imediatamente notificada por telegrama. No dia seguinte, 29 de Julho, a artilharia austríaca abriu fogo sobre Belgrado, cortando pela raiz qualquer hipótese de solução negociada, o que, na perspectiva de Berchtold, tinha a grande vantagem de criar uma situação perfeitamente clara.

Ainda assim, por iniciativa de Guilherme II, foi tentada uma solução que, atendendo à circunstância de já se terem iniciado as operações militares, passaria por uma ocupação temporária de parte do território da Sérvia, ocupação essa que serviria como *garantia* da completa submissão do governo de Belgrado às exigências austro-húngaras. Uma vez satisfeitas as exigências do ultimato, as tropas austro-húngaras retirariam do território ocupado. O soberano alemão contava, ainda, que a Rússia demonstraria compreensão perante essa nova abordagem da crise, a qual evitaria o alastramento do conflito. Bethmann-Hollweg, demasiado preocupado em não ofender o aliado austríaco, transmitiu essa proposta ao governo de Viena, mas tê-lo-á feito em termos demasiado suaves, que não correspondiam à ideia do kaiser de que, perante o teor submisso da resposta sérvia ao ultimato, «já não havia razão para haver guerra».

Em vão esperou Bethmann-Hollweg, durante todo o dia seguinte, por uma resposta de Berchtold. Em Viena, o chefe da diplomacia austríaca ia retardando, perante o embaixador alemão, Tschirschky, qualquer resposta concreta, o mesmo fazendo relativamente às diversas insistências de Berlim no sentido de prosseguir as conversações directas com a Rússia. Já bastante apreensivo pela ausência de qualquer movimento conciliatório por parte da Áustria, Bethmann-Hollweg enviou para Tschirschky, às 3 horas da madrugada de 30 de Julho, o seguinte telegrama:

«A recusa de toda a troca de pontos de vista com São Petersburgo seria um sério erro, porque provocaria, justamente, a interferência armada da Rússia, o que a Áustria está primariamente interessada em evitar. Estamos dispostos, evidentemente, a cumprir as nossas obrigações como aliados, mas não nos devemos permitir sermos arrastados por Viena para uma

⁹ Ministro dos Negócios Estrangeiros do Império Russo.

¹⁰ FAY, Sidney, *Idem*, Vol. II, pp. 410-411.

¹¹ *Ibidem*, p. 411.

¹² General Chefe do Estado-Maior do Império Austro-Húngaro.

conflagração mundial de maneira frívola e por desrespeito para com os nossos conselhos. Por favor diga isto ao conde Berchtold imediatamente, nos mais enfáticos e graves termos.»¹³

Enquanto isso, entre 28 e 30 de Julho, ocorreu uma troca de correspondência entre Guilherme II e Nicolau II, em que ambos os monarcas expressaram os seus melhores desejos de preservar a paz, mas cuja tradução em resultados, no plano diplomático, se não concretizaria. Já na madrugada de 30 de Julho, o czar enviou ao kaiser uma mensagem, na qual afirmava:

«Agradeço cordialmente a sua rápida resposta. Enviarei Tatishchev¹⁴ esta noite com instruções. As medidas militares que agora estão a completar-se foram decididas há cinco dias, por razões de defesa, tendo em conta os preparativos da Áustria. Espero, de todo o meu coração, que estas medidas de modo algum interfiram com a vossa parte como mediador, a que dou tanto valor. Precisamos da vossa forte pressão sobre a Áustria, de modo a que se disponha a um entendimento connosco.»¹⁵

O teor da mensagem, ainda que provavelmente bem-intencionado, teve um efeito desastroso. A revelação de que as medidas militares haviam sido “decididas há cinco dias”, quando a Áustria havia evitado cuidadosamente a adopção de medidas contra a Rússia, deixou o kaiser indignado. Aqueles cinco dias de avanço que a Rússia levaria nos preparativos de mobilização constituíam, para os planos de guerra alemães, uma péssima notícia. Provavelmente terá começado aí a dramática liderança do militarismo alemão em tudo quanto daí em diante se passou. Pela sua parte, Guilherme II declarou que não podia concordar com mais qualquer mediação «uma vez que o czar, que a pediu, ao mesmo tempo, secretamente, mobilizou nas minhas costas. É apenas uma manobra destinada a conter-nos e a acelerar o arranque que eles já conseguiram. O meu trabalho terminou!»¹⁶

David Martelo – 2013

¹³ FAY, Sidney, *Idem*, Vol. II, p. 435.

¹⁴ General Elias Tatishchev, membro da Casa Militar do czar.

¹⁵ FAY, Sidney, *Idem*, Vol. II, p. 430.

¹⁶ *Ibidem*, p. 431.